

# PLÁGIO É CRIME, SABIAS?

**Cristina Nobre –  
ESECS/IPL/CIID**



# www.wiki.pt

- O **plágio** é o ato de assinar ou apresentar uma [obra intelectual](#) de qualquer natureza ([texto](#), [música](#), obra [pictórica](#), [fotografia](#), obra [audiovisual](#), etc) contendo partes de uma obra que pertença a outra pessoa sem colocar os créditos para o [autor](#) original. No ato de plágio, o plagiador se apropria indevidamente da obra intelectual de outra pessoa, assumindo a autoria da mesma.
- A origem etimológica da palavra demonstra a conotação de má intenção no ato de plagiar; o termo se origina do latim *plagiu* que significa *oblíquo*, *indireto*, *astucioso* [1]. O plágio é considerado antiético (ou mesmo *imoral*) em várias culturas, e é qualificado como [crime](#) de violação de [direito autoral](#) em vários países.
- *Plágio* não é a mesma coisa que [paródia](#). Na paródia, há uma intenção clara de homenagem, crítica ou de sátira, não existe a intenção de enganar o [leitor](#) ou o [espectador](#) quanto à identidade do autor da obra.
- Para evitar acusação de plágio quando se utilizar parte de uma obra intelectual na criação de uma nova obra, recomenda-se colocar sempre créditos completos para o autor, seguindo as normas da [ABNT](#), especialmente no caso de trabalhos [acadêmicos](#) onde normalmente se utiliza a [citação bibliográfica](#).

<http://www.daliteratura.blogspot.com/>

Bem.. sobre plágio ... diria que lembra usurpação, mas isso é mais para o Direito! Eu gosto mais de pensar que houve um tempo em que escrever e pintar era feito "a la maniera de", e que esse era um modo de seguir os mestres e de os elogiar. A que distância ficou o coração dos criadores para que desse acto de amor pelos mestres se passasse à cópia e ao roubo não sei bem responder... Mas não é caso recente e afectou, claro os melhores, como todos sabemos, afinal Camões foi roubado... já nesse tempo o mercado de bens poéticos era precioso. mas se os seus versos fizeram as delícias dos leitores do seu tempo mesmo sem o seu nome?... A verdade é que os versos circularam... e quem os roubou provavelmente amou-os... Quem ganhou? Nós os que hoje procuramos as faces da verdade!

Se tiver uma ideia brilhante aviso durante o fim-d-semana, mas é pouco provável!!

Abraço!!

A tese avança a passo de caracol, sem plágios e a querer mostrar as ideias dos outros para ver se consigo reinventar as ideias que outros já inventaram.

MJG

# Autores envolvidos

- [Daphne du Maurier](#)
- [Fausto Wolff](#)
- [George Harrison](#)
- [Miguel Sousa Tavares](#)
- [Moacyr Scliar](#)
- [Ptolemeu](#)
- [Quentin Tarantino](#)
- [Roberto Carlos](#)
- [Sérgio Rezende](#)
- [The Verve](#)
- [Luís Vaz de Camões](#)

# CAMÕES DIRIGE-SE AOS SEUS CONTEMPORÂNEOS

Podereis roubar-me tudo:  
as ideias, as palavras, as imagens,  
e também as metáforas, os temas, os motivos,  
os símbolos, e a primazia  
nas dores sofridas de uma língua nova,  
no entendimento de outros, na coragem  
de combater, julgar, de penetrar  
em recessos de amor para que sois castrados.  
E podereis depois não me citar,  
suprimir-me, ignorar-me, aclamar até  
outros ladrões mais felizes.  
Não importa nada: que o castigo  
será terrível. Não só quando  
vossos netos não souberem já quem sois  
terão de me saber melhor ainda  
do que fingis que não sabeis,  
como tudo, tudo o que laboriosamente pilhais,  
reverterá para o meu nome. E mesmo será meu,  
tido por meu, contado como meu,  
até mesmo aquele pouco e miserável  
que, só por vós, sem roubo, haveríeis feito.  
Nada tereis, mas nada: nem os ossos,  
que um vosso esqueleto há-de ser buscado,  
para passar por meu. E para outros ladrões,  
iguais a vós, de joelhos, porem flores no túmulo.

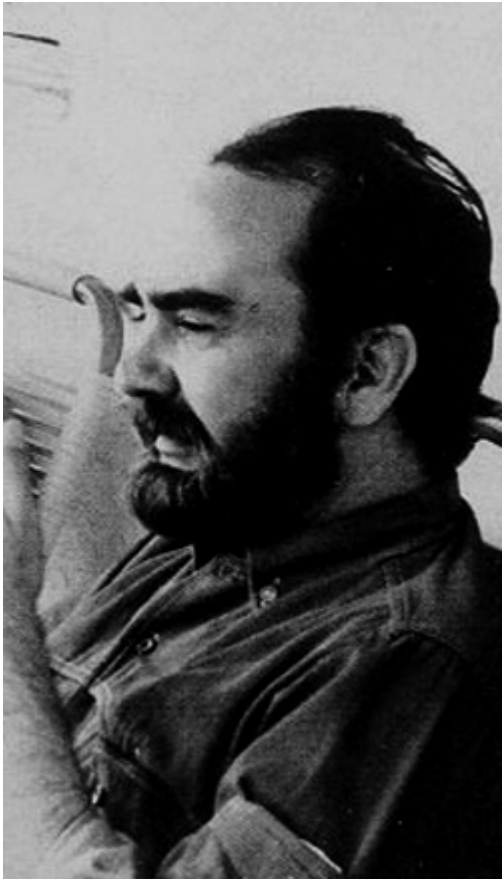


in *Metamorfoses seguido de Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómena*

SENA, Jorge de, *Trinta Anos de Poesia (Antologia Poética)*, 2ª. ed., ed. 70, Lx., pp. 73 e 162.

# Plágio; paródia; pastiche; palimpsesto...

**herberto helder** A MÁQUINA DE EMARANHAR PAISAGENS (1963)



E chamou Deus à luz Dia; e às trevas Noite; e fez-se a tarde, e fez-se a manhã, dia primeiro.

... e fez a separação entre as águas que estavam debaixo do firmamento e as águas que estavam por cima do firmamento (Génesis).

... e eis que havia um grande terramoto: e o sol tornou-se negro como um saco de silício: e a lua tornou-se como sangue.

E as estrelas do céu caíram na terra, como quando a figueira lança os seus figos verdes, abalada de um grande vento:

E o céu retirou-se como um livro que se enrola: e todos os montes e ilhas se moveram dos seus lugares.

E vi os mortos, pequenos e grandes, ... e foram abertos os livros. (Apocalipse).

Irmãos humanos que depois de nós vivereis, não nos guardeis ódio em vossos corações. (François Villon).

Ah, como custa falar desta selvagem floresta tão áspera e inextricável, cuja simples lembrança basta para despertar o terror.

Denso granizo, águas negras e neves caíam do espaço tenebroso (Dante)

Maravilha fatal da nossa idade (Camões).

Rasgou os limbos a antiga luz das fábulas, luz terrível que os homens e as mulheres beijavam cegamente e a que ficavam presos pela boca, arrastados, violentamente brancos – mortos. E essa colina subia e girava, puxando pelos lábios os seres desmembrados e aniquilados. E dentro desta luz e desta morte, os sons amadureciam. Em baixo, vermelhas, estalavam as cúpulas. (Autor).

# Softwares de detecção de plágio

- **On-line**
- [JPlag](#) Universidade
- [MOSS](#) Universidade
- [Plagium](#)
  
- **Pessoal**
- [AC](#) Universidade
- [Plaggie](#) Universidade
- [Sherlock](#) Universidade
- [SID](#) Universidade
- [SIM](#) Universidade
- [YAP](#) Universidade

# bibliografia: SITES

- *pt.wikipedia.org/wiki/**Plágio** - 34k*
- *www.cienciahoje.pt/9593 - 25k*
- *byblos.malha.net/content/view/64/2/ - 75k*
- *jus2.uol.com.br/pecas/texto.asp?id=692 - 52k*
- *www.miudossegurosna.net/artigos/2008-05-16.html - 21k*
- *www.espacoacademico.com.br/024/24wlap.htm - 11k*
- *dn.sapo.pt/2006/01/04/sociedade/**plagio\_e\_outra\_preocupacao.html** - 51k*

# Citações académicas

## INTRODUÇÃO:

### Da *ciência de noite* à *ciência de dia* — clarificação de conceitos

*A different understanding of the history of a problem  
can therefore generate a different understanding of the  
nature of the problem, and therefore of the very problem  
itself.*

Alexander NEHAMAS, (1999) *Virtues of Authenticity. Essays on  
Plato and Socrates*, Princeton U. Press, Princeton, New Jersey, p. XXVIII.

[epígrafe]

O objectivo central deste trabalho consiste na dilucidação de uma figura literária que atravessou o final do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX — Afonso Lopes Vieira [ALV] (n. Leiria, 1878; m. Lisboa, 1946) — através de uma inscrição específica no que tem sido designado, de um modo mais ou menos consensual<sup>[1]</sup>, sistema literário daquele mesmo tempo.

[1] Entre nós, Aguiar e Silva funciona como uma referência obrigatória, desde 1983, com a sua *Teoria da Literatura*, em grande parte responsável por alguns consensos na comunidade literária. Ai este autor definia *sistema semiótico* como "uma série finita de signos interdependentes entre os quais, através de regras, se podem estabelecer relações e operações combinatórias, de modo a produzir-se *semiose*." (Silva, 1983: 76). Uma vez que o sistema semiótico literário, na sequência dos estudos de Juri Lotman, é encarado como um sistema modelizante secundário, o que faz com que seja caracterizado pela sua heterogeneidade semiótica e, conseqüentemente, pela sua abertura, então há que procurar dentro de uma "tradição de leitura" do sistema literário algumas coordenadas que permitam a compreensão e a leitura dessa semiose. Aguiar e Silva utiliza os conceitos de géneros literários (*idem*: 339-401) e de periodização literária (*idem*: 403-36) como os mais fortes conceitos operatórios utilizados no estudo da literatura. Partindo de um modelo a que chamou "funcionalismo dinâmico", herdeiro dos formalistas russos Tynjanov e Ejxenbaum, Itamar Even-Zohar introduz a noção de "estudos polissistémicos" (Even-Zohar, 1990: 9-26), onde a noção de "sistema literário" aparece reestruturada como "The network of relations that is hypothesized to obtain between a number of activities called 'literary', and consequently these activities themselves observed via that network" (*idem*: 28). A insegurança que esta redefinição gera prende-se com o facto de um sistema literário, considerado deste modo dinâmico, não existir fora das relações que operam com ele e nele. A própria noção de literatura passa a funcionar como uma agregação de actividades que se comportam como um todo em termos de relações sistémicas, o que a aproxima da concepção de Pierre Bourdieu de "campo literário" (Bourdieu, 1996: 246-55).

[nota de rodapé]

# Co-referências e referências bibliográficas

Aceitando que o autor é uma convenção necessária à leitura dos textos literários organizados em obra, Oscar Tacca considerava que a "categoria de 'autor' é a do escritor que põe todo o seu ofício, todo o seu passado de informação literária e artística, todo o seu caudal de conhecimentos e ideias (não só as que sustenta na vida real) ao serviço do sentido unitário da obra que elabora." (Tacca, 1983: 19). Neste modelo — no qual a obra é ainda considerada mais como um organismo acabado do que como uma entidade ou uma criação — o autor não é apenas o "emissor" de um texto; essa posição específica coloca-o num lugar simbólico de intercâmbio cognitivo, permite-lhe ter consciência da sua própria produção, que pode manipular para tentar moldar os seus próprios receptores, gesto que lhe confere uma "autoridade social sobre os produtos que escreveu" (Buescu, 1998: 26). Helena Buescu sintetiza com muita clareza este retorno do autor, enquadrando devidamente o conceito num sistema literário que não oblitere a sua dimensão pragmática: "[...] julgo que o autor só pode ser relegado para fora do sistema numa perspectiva que recuse o fundamento comunicacional e funcional do literário e o reduza a uma (sempre precária) ontologia textual; do meu ponto de vista, o autor age como inscrição e ao mesmo tempo garante da dimensão pragmática do texto, manifestando-se [...] a vários níveis, nomeadamente o peritextual." (*idem*: 35).

## BIBLIOGRAFIA GERAL:

- BUESCU**, Helena Carvalhão, (1997) "Autores empíricos e autores textuais: porque é que um autor é um problema?" in *Românica. História da Literatura*, Revista de Literatura do dep. de Lit. Românicas, Fac. de Letras da Un. de Lx., ed. Cosmos, Lx., pp. 45-51.
- , (1998) *Em Busca do Autor Perdido. Histórias, concepções, teorias*, ed. Cosmos, Lx.
- TACCA**, Oscar, (1983) *As Vozes do Romance*, trad. M. Gouveia, Almedina, Coimbra, 2.<sup>a</sup> ed.

# Citações longas

A solução, preconizada por ALV, passava pelo programa cultural de sempre, para o qual contribuiu com toda a sua obra, transformada em cânone de uma nação, e que os representantes do Estado Novo não tiveram sensibilidade para perceber, do mesmo modo que não entendem — não *sentem* — o povo português:

—Temos, acima de tudo, de refazer com urgência uma unidade nacional que nos congregue no amor da Pátria, e nos congregue a todos, como homens de boa vontade, nas liberdades e na disciplina. § Se alguém se admirar de que as realizações materiais e espirituais do Estado Novo não bastaram para nos tornar agradecidos e fiéis, responderemos que o feito essencial do povo português não foi, infelizmente para todos nós, nem sequer de longe *sentido* por quem tinha por missão *sentí-lo* melhor que ninguém a fim de governar esse mesmo povo. (*apud* Medina, 1980: 36).

Na concepção de ALV, o entendimento de Povo passava pela revelação de uma unidade de consciência nacional, a mesma de que fala Rolão Preto, a propósito da universal "mensagem política" de ALV. Este ensaísta considerava-o um democrata a exigir a perfeição da Democracia:

Era ele então um democrata? Era-o por certo no mais belo e mais alto sentido, se com isso se excluía tudo aquilo que tantas vezes estabelece entre homens de boa vontade um dramático equívoco. Se Democracia queria dizer o reinado das virtudes do povo — nobreza, candura e solidariedade — através da conduta das instituições abertas a todos os anseios, seguras contra todos os assaltos em que periga a liberdade humana; se a Democracia para além de qualquer conceito de facção significava como ética-política a equidade no ponto de partida de todos os trabalhadores; se a Democracia, para além de qualquer sistema rígido, podia ser um regime que incessantemente se renovasse, reconhecendo erros para os evitar, confessando os abusos para lhe dar castigo, aceitando as lições do tempo para se rectificar; se, finalmente, a Democracia, repelindo as traições da Burguesia, encontrava enfim o seu caminho de governo do povo — onde estaria o homem livre que não fosse democrata? § Sim, decerto, Afonso Lopes Vieira fazia à Democracia estas exigências. (Preto, 1946: 13).

## Bibliografia passiva:

**MEDINA**, João, (1980)  
*Afonso Lopes Vieira Anarquista*, introd. e notas de J. Medina, ed. António Ramos, Lx.

**PRETO**, Rolão, (1920)  
[O caso dos manifestos rialistas] in *A Monarquia*, 22 de Julho. [R, I: f. 128r.]

———, (1946) "A Mensagem Política de Afonso Lopes Vieira" in *Diário de Lisboa*, ano 26.º, n.º 8404, Lx., 20 de Abril, p. 13.

# A ALUSÃO

**O POETA NUM ELÉCTRICO**, de Ruy BELO, Nau dos Corvos in *Todos os Poemas* (2000), Assírio & Alvim, Braga: 329.

De súbito ao cair de mais um ano  
sou por instantes sinto-me ao cair da tarde  
do sol que antes brilhante é luz lustrosa  
e pegajosa agora à superfície da calçada  
na humilhante morte de quem era alto eterno e dominante  
sou ao cair da tarde de um ano que cai  
eu o poeta o instalado o mais que muito aburguesado  
um colectivo passageiro num eléctrico  
mas só supostamente anónimo ou popular ou colectivo  
pois posso dar-me ao luxo de evocar um livro lido há muito  
num destes animais metálicos já hoje arcaicos deslocados  
e amanhã vivos apenas nesse livro do zé gomes que os evoca  
e eu me posso dar ao luxo de evocar agora após haver falado  
nessa farmácia onde comprei há pouco asmático  
do cão asmático das praias que primeiro ouvi tossir  
num verso do o'neill e só depois num mês de Maio em espinho  
ao imprimir na areia graves passos de poeta nupcial  
sinto-me alguém de súbito ao pagar o meu bilhete  
bilhete de quem volta e de quem vive do trabalho  
mas que pode exhibir o seu sapato alto à moda  
e alinhar uns versos no papel da embalagem do remédio  
E eu que distraído e que perdido e que privado já  
de mais alguma face da embalagem do remédio onde escrevia  
eu que já não sabia como pôr ponto final  
em toda esta conversa mais do que fiada  
dizer ao ver que continuo alheio lírico e sentado  
oiço a voz grossa e neutra do sisudo guarda-freio  
que chegámos ao fim fim da viagem para ele  
e fim deste poema para mim



Ruy Belo